

Caio Tozzi • Carmen Lucia Campos • Henrique Sitchin
Manuel Filho • Marcelo Duarte • Penélope Martins • Shirley Souza

um conto de Natal com 7 finais felizes



ilustrações:
Camila Martins





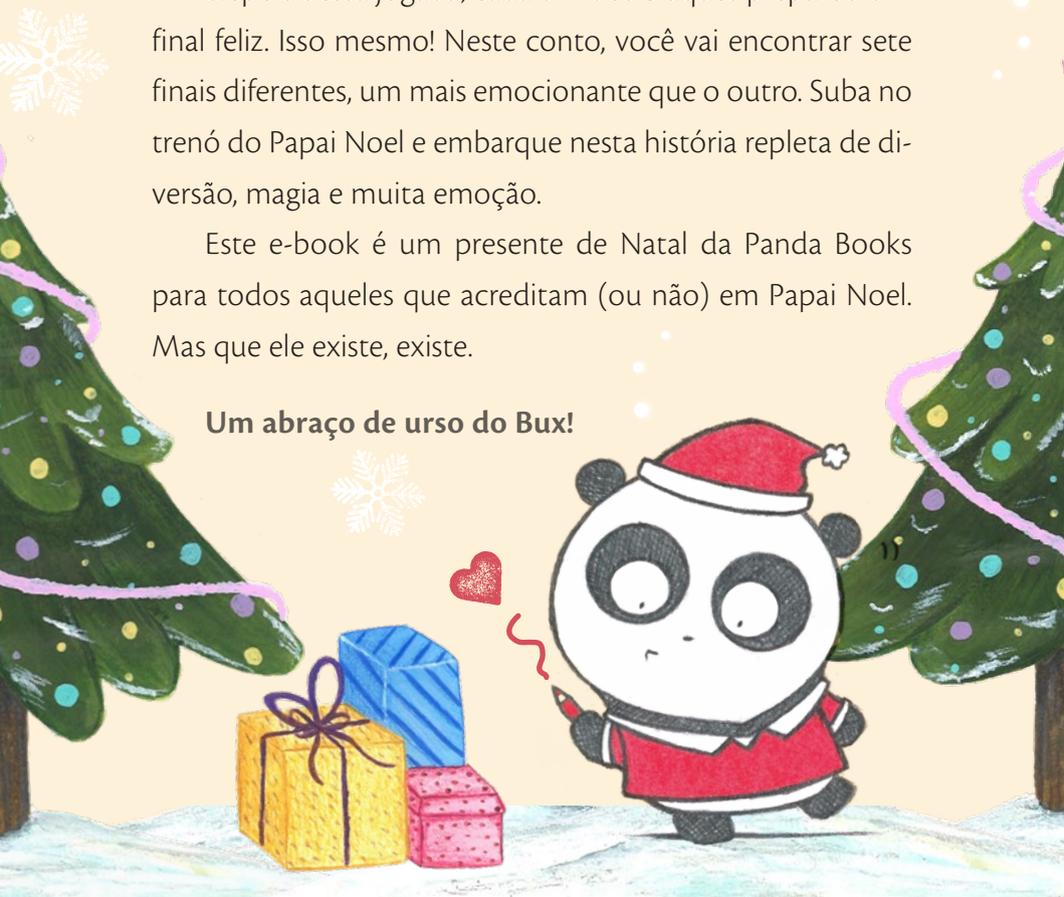
Querido leitor, querida leitora,

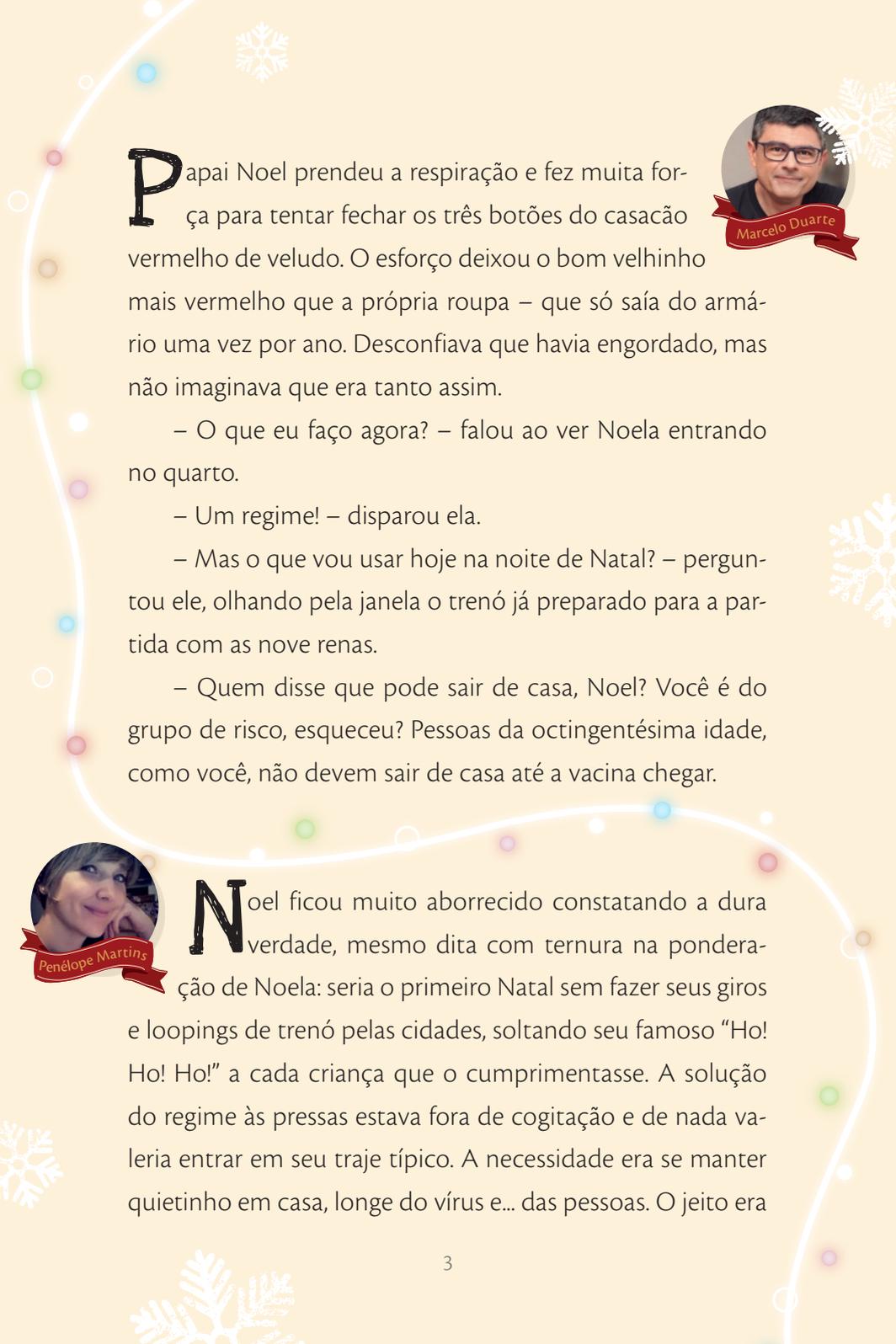
Em meados de novembro, a equipe da Panda Books teve uma ideia bem maluca: convidar sete autores para escrever um conto de Natal coletivo. A brincadeira foi organizada assim: Marcelo Duarte deu o pontapé inicial e jogou a bola para Penélope Martins, que abriu para Shirley Souza, que cabeceou para Caio Tozzi, que passou para Manuel Filho, que lançou para Carmen Lucia Campos, que finalizou com Henrique Sitchin. Finalizou? Que nada!

Depois dessa jogada, cada um dos craques preparou um final feliz. Isso mesmo! Neste conto, você vai encontrar sete finais diferentes, um mais emocionante que o outro. Suba no trenó do Papai Noel e embarque nesta história repleta de diversão, magia e muita emoção.

Este e-book é um presente de Natal da Panda Books para todos aqueles que acreditam (ou não) em Papai Noel. Mas que ele existe, existe.

Um abraço de urso do Bux!





Papai Noel prendeu a respiração e fez muita força para tentar fechar os três botões do casaco vermelho de veludo. O esforço deixou o bom velhinho mais vermelho que a própria roupa – que só saía do armário uma vez por ano. Desconfiava que havia engordado, mas não imaginava que era tanto assim.

– O que eu faço agora? – falou ao ver Noela entrando no quarto.

– Um regime! – disparou ela.

– Mas o que vou usar hoje na noite de Natal? – perguntou ele, olhando pela janela o trenó já preparado para a partida com as nove renas.

– Quem disse que pode sair de casa, Noel? Você é do grupo de risco, esqueceu? Pessoas da octingentésima idade, como você, não devem sair de casa até a vacina chegar.

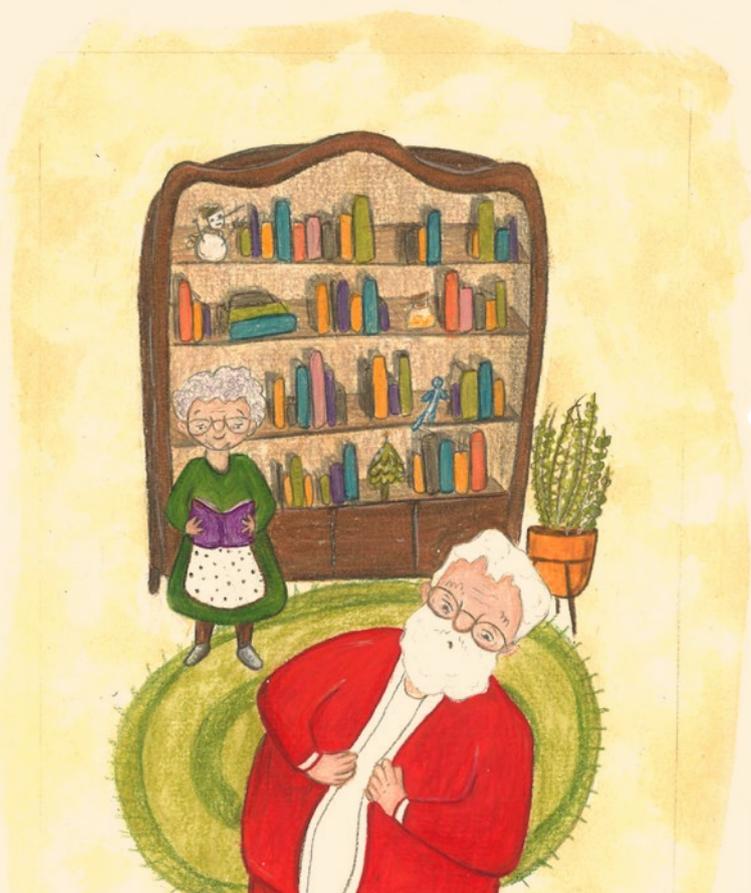


Noel ficou muito aborrecido constatando a dura verdade, mesmo dita com ternura na ponderação de Noela: seria o primeiro Natal sem fazer seus giros e loopings de trenó pelas cidades, soltando seu famoso “Ho! Ho! Ho!” a cada criança que o cumprimentasse. A solução do regime às pressas estava fora de cogitação e de nada valeria entrar em seu traje típico. A necessidade era se manter quietinho em casa, longe do vírus e... das pessoas. O jeito era

vestir sua camisa de chita florida e seu par de chinelos de dedo, e ter uma grande ideia para driblar a falta dos tradicionais encontros natalinos.

Aquilo tudo parecia uma história sem final feliz. Noel ficou bem cabisbaixo. Sua sorte era poder contar com a inteligência fascinante de Noela – ela conhecia a arte de fazer do pouco, muito. Foi nesse instante que o grande livro de capa roxa foi retirado da estante, e a voz de Noela começou a sussurrar as palavras mágicas dentro de casa:

– Era uma vez...



-...e m um tempo perdido na memó-
ria, quando Nicolau ainda vestia-se
de marrom e verde-musgo e as celebrações natalinas
chegavam a durar 12 dias...



Noel sorriu com essa lembrança e aconchegou-se em sua poltrona favorita, esquecendo-se da necessidade do regime e enfiando dois biscoitos de uma só vez na boca, entregando-se à voz macia de Noela, que continuou:

– Havia uma vila de casas coloridas e telhados cobertos de neve, onde aqueles que muito tinham compartilhavam seu alimento e presenteavam os mais pobres, para que a fome não existisse nem fosse lembrada no tempo de Natal. E não foi nessa vila, mas sim na vizinha, escura, cinzenta e cheia de pessoas que nem bom-dia sabiam dar, que Puejo, um pequeno cachorro pulguento, buscou abrigo pouco menos de uma semana antes do Natal.

Noel engasgou-se e, depois de tomar alguns goles do leite quentinho, fez seu manifesto:

– Mas como a história de um cão abandonado pode me ajudar, Noela? Por que não ficamos na vila colorida das pessoas boas? Desse jeito vou desanimar ainda mais!

E Noela, olhando seu companheiro por cima dos óculos, respondeu sorrindo:



Caio Tozzi

Porque estamos falando, mais do que nunca, sobre esperança, meu amor.

Ela percebeu, então, os olhos de Noel marejarem. Os dois já sentiam havia tempos que ele não andava bom da memória, talvez nem se lembrasse da história de Púejo. A senhora sentiu um nó na garganta, mas era preciso enfrentar as circunstâncias.

– Este ano está tão difícil... tudo ficou confuso, sabe? – disse o bom velhinho com sua voz grossa, já embargada. – Imagine como é complicado para mim, Papai Noel, ter que garantir a alegria de milhares e milhares de famílias neste fim de ano nesta situação. É muita responsabilidade. Não foi à toa que eu engordei este tanto, muita ansiedade....

Noela deixou o livro de lado e aproximou-se de Noel, tocando-lhe a barba branca com afeto:

– Por isso fiz questão de lembrar sobre o cãozinho...

O velho ajustou os óculos e suspirou profundamente. Tentou recordar mais sobre o tal vilarejo triste e, sem sucesso, pediu com o olhar que ela prosseguisse.

– O encontro do cachorro com o menino Martin transformou para sempre a história daquele lugar – ela falou.



De repente, o sorriso de Papai Noel se abriu e um belo filme passou intacto em sua memória. Ali, tudo pareceu possível.

– É isso! Uma criança e seu cãozinho... é isso! O amor, a compaixão, a essência do espírito natalino estão nessa união. É isso que todos precisam neste ano tão diferente!

Então, eufórico, Noel saltou de sua poltrona e seguiu para a porta de sua casa.

– Calma, querido, você não pode sair assim. Ainda não temos a vacina! – Noela gritou desesperada, indo atrás do marido. – E olha sua roupa, está nevando aí fora!

A neve nunca foi impedimento para Papai Noel, muito pelo contrário, era o sinal de que seu trabalho iria começar. Finalmente havia compreendido que estivera preso ao passado. O cachorro, sim, o cachorro. Se um animal que é puro amor sofre de tanto abandono e maus-tratos, o que não faria o ser humano ao seu semelhante, que destrói as florestas, polui os rios, permite que milhões sejam mortos em razão da cor da pele, da origem ou da orientação sexual? O planeta está doente, bastante doente.



Noel em momento algum teve problemas de memória, mas sua rotina era tão intensa que não havia percebido que tudo estava diferente. Não seriam somente chaminés que precisaria atravessar, até porque muitas crianças nem mesmo um teto possuíam.

De repente, percebeu que a tristeza que sentia na manhã seguinte ao Natal não era por efeito do final das festas, mas o eco de pessoas que ele jamais havia alcançado. Bastava! Se um vírus conseguia atingir todo o planeta, ele também haveria de consegui-lo e, para isso, necessitava de mudança. Olhou Noela, amorosamente, estendeu-lhe a mão e a guiou até o trenó. Em seguida, pediu que ela se sentasse ao seu lado. Noela sentiu-se confusa, mas teve um arrepio, quando, pela primeira vez, decolou em direção às estrelas na noite de Natal.



Olhar extasiado, Noela perdia-se na beleza de um céu carregado de estrelas, meteoros e um fugaz cometa! Até do seu medo de altura havia se esquecido naquela noite especial em que a neve resolvera dar uma tré-gua. A seu lado, um compenetrado Noel tinha pressa e nem parecia ouvir os repetidos “Oh” e “Ui” da esposa.

De repente, um looping meio desastrado assustou as re-nas e quase jogou Noela para fora do trenó. Ela arregalou os olhos, se segurou firme e já estava pronta para reclamar da direção perigosa do marido, quando ele apontou para baixo e confessou:



– Nunca vi tão pouca luz numa noite de Natal – deu um longo suspiro e anunciou, decidido: – Assim como o Martin e o Puejo iluminaram o coração um do outro, vou devolver o brilho do Natal às pessoas do mundo. A todas, mesmo àquelas que não acreditam em Papai Noel!

A boa senhora teve certeza, então, de que o marido estava prestes a fazer daquele um feliz Natal de verdade. Um momento mágico assim não podia passar em branco: tinha de ser registrado e postado em todas as redes sociais de Noel! Sem perder tempo, Noela pôs a mão no bolso do avental, mas o que encontrou não foi exatamente o que esperava.



Henrique Sitchin

Era o dispositivo, mais uma vez! Desde que a pandemia começara, Papai Noel não largava aquilo!

Havia trabalhado duro, durante vários meses, no desenvolvimento do equipamento que pudesse conectá-lo com os seus assistentes.

Era bem sabido que a turma de duendes não era muito chegada às modernidades dos aparelhos celulares ou afins. Foi por isso que Noel acabou inventando aquele aparelho tão especial, que desenhava mensagens nas... estrelas!

– Vamos Noela, ligue o ESTELAR WX44 CONECTOR! – disse Noel animado. – Rápido, não temos muito tempo. Já é noite de Natal!

– Faça isso se você dirigir essa coisa com mais calma – respondeu a aflita Noela.

– Hoooooooo! – logo disse Noel, com voz firme, e as renas imediatamente diminuíram o ritmo. – Escreva aí, por favor, querida Noela:

Dedicados amigos duendes, é noite de Natal. E, como todos sabem, nesta noite, pela primeira vez, não poderemos sair de nossas casas. Mas temos uma missão que não pode esperar! O mundo hoje está como Puejo, perdido, acuado, assustado com um vírus ainda tão perigoso. Mas nós seremos todos Martin, e nosso dever é acalantar e proteger as pessoas. Pois então tive uma ideia. Hoje nossa missão será...

Será que Papai Noel conseguirá entregar os presentes? Veja o plano elaborado por **MARCELO DUARTE** para o final desta história na página 13.



E Noela? Como ela ajudará o bom velhinho em sua missão? Confira a surpresa preparada por **PENÉLOPE MARTINS** na página 18.



E o cãozinho Puejo? O que acontecerá com ele? Siga o desenlace do conto que **SHIRLEY SOUZA** elaborou na página 20.



O que aconteceu com o menino Martin? Será que ele vai aparecer no final desta história? Descubra o desfecho escrito por **CAIO TOZZI** na página 22.



O que Noel e Noela encontrarão em sua viagem de trenó? Veja a surpresa que **MANUEL FILHO** criou para o final desta história na página 24.



Você acha que os duendes receberam a mensagem completa? Acompanhe o desenlace escrito por **CARMEN LUCIA CAMPOS** na página 26.



Como os duendes poderão ajudar Papai Noel em plena pandemia? Leia o grand finale do conto planejado por **HENRIQUE SITCHIN**, na página 27.





Antes que Noel pudesse terminar a frase, o trenó deu um inesperado giro, seguido de um assustador mergulho. Os dois passageiros se seguraram do jeito que conseguiram. A rena Dançarina, que estava no primeiro dos três pelotões, puxou o veículo para baixo sem aviso prévio. Ela tinha avistado uma casinha iluminada no meio do nada e algo ali chamou a sua atenção. Pelo GPS do trenó, a comitiva de Papai Noel sobrevoava a região norte da Groenlândia. Quando aterrissaram, passado o susto, Noel e Noela perceberam o motivo da agitação de Dançarina: um cachorro com chifres de papelão na cabeça imitando justamente chifres de rena.

– O astigmatismo da Dançarina está cada dia pior! – lamentou Noel.

De dentro da casa, saiu um rapaz bastante assustado com a barulheira, colocando a máscara no rosto com as mãos trêmulas. Quase caiu para trás quando viu o gigantesco trenó, as nove renas e... seus tripulantes.

– Papai Noel? – surpreendeu-se. – É o senhor mesmo? Então o senhor existe?

Noel ficou sem graça em aparecer naquelas condições, com o casaco todo aberto e sem o gorro:

– É... bem... Feliz Natal, meu jovem! – foi tudo o que conseguiu dizer.

Indiferentes ao que acontecia em volta, Dançarina e o

cover de rena do rapaz estavam no maior flerte. Ele abriu um sorrisão com os olhos ao ver a romântica cena:

– Ah, todo Natal eu faço isso. Sempre quis ter uma rena, mas nunca consegui. Então, em nome do espírito natalino, eu coloco essa fantasia de rena no Puejo...

Foi a vez de Noela arregalar os grandes olhos verdes ao ouvir o nome do animal:

– Puejo?!? Puejo?!? Você... é o Martin?

– Sou. Sim, sou o Martin! Vocês me conhecem?

– Conhecemos a sua linda história – disse Noela.

– Então você existe? – reforçou Noel. – Eu até comentei com Noela: “Que nome estranho que esse rapaz arrumou para um cachorro!”

– Olha só quem fala... – Noela deu um cutucão no marido com o cotovelo. – Já viu os nomes que você deu a suas renas, Noel? Cometa, Cupido, Raposa...

– Puejo é o nome de um herói de nosso povo – explicou Martin.

O rapaz contou que Puejo foi capturado por uma tribo inimiga. Certa noite, escutou que os homens pretendiam atacar sua aldeia, matar todo mundo e colocar fogo nas casas. Puejo conseguiu se soltar e correu por três noites e três dias, sem comer ou dormir, para alertar seu povo. Depois de fazer o alerta, ele caiu morto. Toda a tribo conseguiu fugir e se salvar. Martin continuou:

– Por causa disso, “*puejo*” virou uma palavra que usamos com alguém que tem muita energia para vencer os desafios mais difíceis. Quando nossas forças estão acabando e pensamos em desistir, dizemos para nós mesmos: *puejo!* A nossa força volta na mesma hora.

– Pois é de *puejo* que todos estão precisando neste momento – filosofou Noel.

– Que maravilhosa essa história! – disse Noela, tendo um estalo. – Noel, me dê o seu casaco aqui.

Noel entendeu na hora a ideia da mulher. Tirou o casaco de veludo e ficou só com a camiseta branca. Entregou a ela, que o entregou a Martin.

– Por favor, vista isso.

Sem entender nada, o rapaz obedeceu e até achou graça de como o casaco tinha ficado largo no seu corpo. Caberiam outros dois Martins ali dentro tranquilamente.

– Temos uma missão para você – conclamou Noel, explicando que o sucesso do Natal dependeria dele. – Você vai no meu lugar hoje. Você representa o espírito natalino raiz, Martin.

– Mas quem vai acreditar em um Papai Noel como eu? Sou magrinho e completamente imberbe...

– O Natal é uma festa mágica. Qualquer um pode ser Papai Noel, Martin. Só precisa ter amor no coração... e isso nós sabemos que você possui de sobra. Você carrega dentro de si a esperança que todos estamos precisando na noite de hoje.

Nunca passamos por uma situação tão complicada no mundo. As pessoas estão frágeis, tristes, assustadas. Mas não é hora de baixar a guarda e desistir. Tenho certeza de que vamos conseguir derrotar esse inimigo. Portanto, *puejo* a todos!

Ao ouvir seu nome, o cão desviou pela primeira vez o olhar enfeitiçado dirigido o tempo todo a Dançarina.

– Você também vai, Puejo! – avisou Noela, colocando o cachorro de Martin no primeiro pelotão, entre Dançarina, que ficou feliz da vida, e Cupido.

– Atenção, Rodolfo, Corredora, Dançarina, Empinadora, Raposa, Cometa, Cupido, Trovão e Relâmpago! – falou Noel, com seu vozeirão de tenor. – Este aqui é Puejo. Ele vai conduzir o trenó com vocês esta noite. É um reforço muito importante. Eu e Noela ficaremos por aqui. Não irei desta vez. Preciso me cuidar porque ainda tenho muitas noites de Natal pela frente. Quem está no comando hoje, portanto, é o Martin.

O rapaz fez um aceno de longe, ainda se sentindo desajeitado com o casaco. Noel entregou o comunicador a Martin.

– Com este aparelhinho, você pode falar com a central dos duendes. Eles irão passando a rota. Se bem que as renas já conhecem o cami-





nho de cor e salteado. Comece a entregar os presentes em Kibati e vá até o Havaí. Será uma jornada de muito trabalho, já vou avisando. É importante não esquecer de ninguém. Até mesmo aquelas pessoas de coração duro, que não acreditam em você. Digo... em mim. Digo... em nós dois.

Martin subiu meio sem jeito no trenó e assumiu as rédeas. Ao receberem o comando de Noel, as renas e o cachorro fantasiado de rena saíram em disparada e começaram a voar. Noel e Noela viram o trenó desaparecer no céu poucos segundos depois.

– Será uma das noites de Natal mais bonitas de todos os tempos...

– Para mim, também – concordou Noela. – Depois de tantos séculos, terei você ao meu lado numa noite de 24 de dezembro. Nunca acreditei em Papai Noel por causa disso – ela completou, com uma gostosa risada.

– E agora como voltaremos para o Polo Norte? – perguntou ele.

– Já pedi um *trenuber* para nós. O aplicativo diz que ele vai chegar em 15 minutos.

– Você pensa em tudo mesmo, querida – disse Noel, passando o braço pelo ombro da mulher, aconchegando-se a ela. – Quando chegarmos em casa, podemos ver um filme na Natalflix... o que acha da ideia?

– Muito boa. Mas sem pipoca desta vez, Noel.



... **H**oje nossa missão será espalhar o amor!

Noela era especialista em espalhar amor, era isso o que fazia mesmo quando não sabiam de sua dedicação e existência.



– Sabe, Noel, acho que chegou a hora de mostrarmos o verdadeiro presente de Natal. Presentear os outros com o que de melhor desejamos para nós mesmos.

Disse isso olhando fundo nos olhos do seu companheiro, e seguiu seu palavrear ritmado de emoção:

– As pessoas precisam se sentir esperançosas e cheias de confiança e, para isso, é preciso que enxerguem umas às outras como fazem os bichos na natureza; com lealdade, como são os cãesinhos, igualmente fez Puejo; com perseverança, como as plantas que brotam depois de tempos de resguardo na profundidade da terra; com equilíbrio, feito gato no telhado; com a tolerância das crianças construindo seus brinquedos. O maior presente de todos é olhar ao redor da gente e dar-mo-nos as mãos...

Noel não titubeou! Agarrou a mão de Noela, entrelaçou seus dedinhos arredondados aos dela, e passou a mensagem de voz pelo seu aparelho conector:

Neste Natal, estejamos juntos pela vida. Adotemo-nos uns aos outros!



E assim que essa mensagem foi enviada, as luzes se acenderam, devagar, aqui e ali, e logo eram milhares e bilhões de luzinhas brilhando como vagalumes no céu negro. E era lindo o manto negro, negro estrelado, tranças ancestrais da noite cobrindo todas as cabeças... E prometia arco-íris a manhã seguinte, com músicas alegres e danças e corpos livres.

Ninguém se sentiria só porque todos estariam presentes, uns para os outros. Presentes! E o ano novo finalmente seria inteiro Natal, um despertar para o amor entre todas as criaturas viventes.





Hoje nossa missão será sonhar! Todos para a cama agora mesmo!!!

É claro que ninguém entendeu nada, mas como não existe duende bobo, foi todo mundo para debaixo da coberta quentinha.



De volta ao chão, Noel e Noela apressaram o passo para casa. Ela, sim, sabia o que o marido planejava e logo trouxe o potinho de areia para ele.

– Ho! Ho! Ho! – riu, abrindo o potinho.

– Apenas uma pitada – Noela sussurrou. – Lembra a confusão que você causou da vez passada em que o chamou com um punhado de areia? Dormimos por cinco dias sem trégua...

E uma pitada da areia foi jogada no fogo da lareira...

Sandman, o senhor dos sonhos, apareceu, causando bocejos longos no casal. Ai, que preguiça boa! Não foi preciso palavras: Sandman entende todos os sonhos; mesmo aqueles que sonhamos acordados.

Noel e Noela dormiram no sofá, em frente à lareira, abraçadinhos, enquanto Sandman encarregou-se de espalhar a areia pelos olhos da humanidade naquela noite de Natal. E as pessoas não souberam explicar, apenas pararam o que estavam fazendo e deixaram se dominar por um sono incontrollável.

Presente, ceia, fome, solidão... tudo perdeu a importância por um momento. Foi assim que todos sonharam juntos com um mundo sem barreiras, sem nariz torcido ou cara feia para as diferenças, um mundo onde cada pessoa olhava para a outra como Martin e Puejo se olharam um dia, com amor e entendimento, com vontade e disposição de dar ao outro todo o carinho existente na Terra.

E o sonho espalhou-se mais eficientemente que qualquer vírus! Ao acordar, na manhã de 25 de dezembro, antes de todos, Noel soube que a sementinha fora plantada no coração da humanidade. Naquela manhã, não houve quem não acordasse sem um sorriso nos lábios e o coração quentinho. Foi estranho contar aos outros o sonho e descobrir que todos sonharam o mesmo. Não havia como resistir. Tornar-se impossível não acreditar na magia do Natal! Dali em diante não haveria como não reconhecer nos outros um pouco de Martin e de Puejo.

E foi com esse sonho compartilhado que a humanidade se tornou mais desperta para o que verdadeiramente importa em nossas vidas, pois, como diria o poeta: sonho que se sonha junto é realidade.





-Ah, não! – gritou Noela muito aflita, tentando digitar rapidamente o que o marido dizia.

Papai Noel achou que ela não estava conseguindo completar a mensagem por conta da sua euforia ao pilotar o trenó. Mas não, quando olhou para o lado, viu a esposa batendo com o dispositivo em sua perna, como quem tenta dar uma esperançosa sobrevida a um aparelho tecnológico que resolveu pifar.

– Não será possível completar sua orientação aos duendes, meu amor. Alguma coisa deu errado aqui!

O casal, voando bem próximo às estrelas, lia e relia a mensagem incompleta, totalmente desiludido.

– Nós tentamos, meu bem – consolou Noela, colocando a mão no ombro do marido.

– Pois é – suspirou o bom velhinho. – Talvez este Natal tenha que ser dessa maneira... um tanto estranho como foi o ano. E ele encarou mais uma vez o céu.

– Vamos preparar um Natal bem bonito assim que tudo isso acabar. Nem que seja em março ou junto com uma festa junina. Não importa!

E assim, os dois voltaram para a casa sem imaginar o que estava prestes a acontecer.

Os duendes, à espera das coordenadas, não se fizeram de rogado com a falta de informação do chefe. Muniram-se de álcool em gel, colocaram máscaras e se espalharam por todos

os continentes, respeitando os protocolos de segurança para cumprir a entrega dos presentes. Sabiam que, naquela noite, cada um teria de completar a mensagem do jeito que acreditava e fazer acontecer o Natal para as pessoas do mundo.

Apesar dos momentos de tensão, Papai Noel adormeceu com uma estranha tranquilidade – e ainda teve um sonho bastante peculiar. Em seu sono, primeiro viu uma rua de casas cinzas, vazias e silenciosas. Por ela passou um homem correndo que, sem medo, subiu em um poste. Lá do alto, mexeu em alguns fios e, poucos segundos depois, um *flash* iluminou a vizinhança. As pessoas aplaudiram e urraram de alegria, ocupando as janelas de suas casas. Ninguém saiu, todos ficaram protegidos em seus lares.

Ao descer do poste, um cachorro se aproximou e celebrou o dono. O homem acariciou o companheiro, emocionado.

– Ah, Puejo! Tem alguma coisa que não sei o que é, que me faz seguir em frente. Desde que eu era criança todo fim de ano é assim. E neste, apesar de tudo, eu sinto algo bom, muito bom.

Observado pelos vizinhos, ele abraçou o amigo canino e olhou as estrelas.

– Tudo vai passar e a vida vai ser muito melhor. Feliz Natal, meu amigo. Feliz Natal!



FIM



★ **A**os poucos, uma mensagem começou a surgir por entre as estrelas. Mas, claro, só quem possuía “olhos de duende” conseguia decifrá-la. E ela dizia:



três colheres de fermento em
pó, daí bate até encorpar...

– O que é isso? – espantou-se Noel.

Ele olhou para o aparelho e percebeu que algum duende havia acessado a mesma galáxia que ele e trocava receitas pelas estrelas. Noel não demorou a pedir que todos desligassem os seus aparelhos e mantivessem foco no que ELE transmitia.

Pareceu-lhe ter escutado murmúrios e resmungos, no entanto, sua mensagem se impôs e ficou clara como a luz da Lua.

CORRIGIR ROTA!

Noela já havia percebido que algo estava incrivelmente errado. Do trenó, ela ajudava a espalhar os presentes, porém, alguns se perdiam no mar, outros se transformavam em cinzas e, por fim, vários retornavam, pois não tinham encontrado o destinatário. Isso acontecia porque seres humanos afundaram em botes no oceano, inúmeros perderam suas casas em incêndios e muitos partiram após terem remetido suas cartinhas a Noel. Assim, aquele trajeto se tornara inútil, era necessário encontrar uma nova rota.



Os duendes, então, voltaram a trabalhar para criar outros presentes, especiais... O que faltava?

Felicidade? Dinheiro? Esperança?

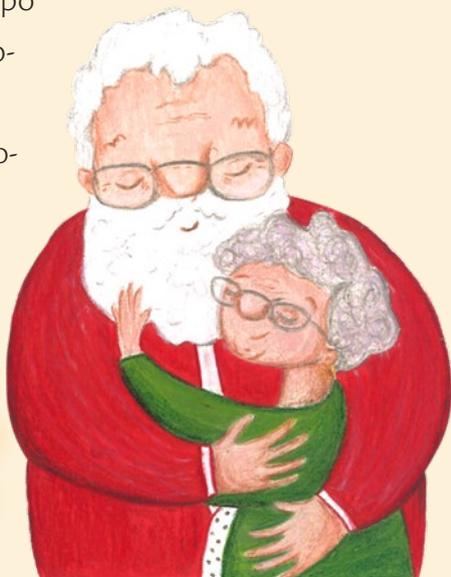
– Devemos reconstruir tudo, querida – afirmou Noel. – Nem nas piores guerras e desastres naturais eu vi Natal mais triste. As pessoas não podem se abraçar...

Noela compreendeu perfeitamente o que ele falou. Um abraço pode significar tanta coisa: amor, acolhimento, segurança, compreensão, apoio, paz. Era um Natal no qual o abraço fora cancelado.

– Não dá para saber o que teremos daqui em diante. Mas se desejamos um feliz Natal, temos que mudar a rota do fim do abraço. Ele precisa voltar.

– E vai voltar agora! – disse Noela abraçando fortemente Noel que, dessa vez, perdeu o controle do trenó, que virou de ponta-cabeça e ambos caíram no céu. Contudo, foi por um breve instante, apenas o tempo de as renas recuperarem os preciosos ocupantes.

Aquele mesmo abraço os protegeu, os manteve próximos, amados. O mundo só seria melhor, com boas festas de verdade, quando todos coubessem em um único e imenso abraço.





... Hoje nossa missão será devolver a esperança às pessoas.



Enquanto os dedos ágeis de Noela escreviam as instruções de Noel, luzes coloridas reproduziam o texto no céu. A boa senhora se encantava com o espetáculo, mas o marido se impacientava quando ela, distraída, se esquecia de digitar!

Mensagem enviada e, alguns minutos depois, a magia começou. Bilhões de invisíveis duendes invadiam as casas: um puxão de cabelo aqui, um assovio no ouvido daquele ali, um ataque de cócegas naquele outro lá. Ninguém entendia o que estava acontecendo.

– Noela, hora de apertar o botão vermelho! – anunciou o bom velhinho.

Foi então que alguém abriu a porta e olhou para cima, gesto repetido pelo vizinho, pelo vizinho do vizinho... Logo o mundo todo admirava um céu nunca visto. Estrelas exibiam pessoas unidas se abraçando, rindo, festejando... Cada um se reconhecia nas imagens, revivia suas lembranças mais caras e acreditava que voltaria, sim, a ser feliz.

A esperança foi enchendo os corações e se espalhando pelo universo. Enquanto isso, observados pelas renas, Noel e Noela jogavam par ou ímpar para decidir com quem ficaria o aparelho que despertara os melhores sentimentos da humanidade naquela noite de Natal!





... **H**oje nossa missão será diferente do que foi em cada uma das noites de Natal que vivemos até aqui! Cada um de vocês, meus dedicados ajudantes, recebeu um ESTELAR WX44 CONECTOR. Pois bem, está na hora de usarmos os nossos dispositivos! Decididamente, vamos colocar em ação o Plano B!

Papai Noel ainda tinha esperanças de que, até a noite de Natal, quem sabe tudo estaria melhor, a pandemia teria acabado e ele sairia com suas renas a voar pelos quatro cantos do planeta, e secretamente faria as suas entregas, como sempre fazia.

Mas foi pensando no “secretamente”, e nas tantas mudanças provocadas pelo ano tão diferente, que ele teve uma ideia, a qual chamou de “Plano B – Natal 2020 – A Revelação”. Neste 2020 de tantas surpresas, Papai Noel não teria mais porque se esconder e, a bem da verdade, seguir se espremendo nas chaminés apertadas, se escondendo das crianças, naquela sempre correria de ir voando de um lugar a outro, em um segundo.

“Quer saber? Não tenho mais idade para isso!”, ele pensou divertidamente. Fez o sinal para que as renas parassem

no alto da mais alta montanha do Polo Norte e de lá mandou a mensagem aos duendes:

É agora, pessoal! Ativem os dispositivos, apontem a mensagem para todas as partes do planeta!

Alguns instantes depois, uma enorme imagem do Papai Noel revelava-se magicamente nos céus de todo o mundo. Após algumas boas e típicas risadas, Papai Noel começou a falar (com tradução simultânea para cada idioma do planeta):

– Sim, aqui estou! Papai Noel, na noite de Natal! Nesta noite vocês não me procurarão nos telhados, ou voando em meu trenó, porque estarei seguro em minha casa. Então decidi lhes pedir que, ainda que separados, cada um em sua casa, que estejam juntos também neste Natal. E que cuidem uns dos outros e, principalmente, daqueles que mais precisam. Porque cuidar deve ser o verdadeiro motivo de estarmos juntos! Ho! Ho! Ho! Ho! Um Feliiiiiiiiiz Nataaaaaaaaaaaaaa a cada um de vocês, todos vocês!

Enquanto a imagem do bom velhinho vagarosamente se apagava no céu, a humanidade olhava para cima. Parecia finalmente unida em um único sorriso.

FIM



OS AUTORES



CAIO TOZZI nasceu em São Paulo, em 1984. Quando era criança, escrevia pequenos livros e fazia revistas de história em quadrinhos. Desde então, não parou mais de trabalhar com a escrita. É formado em jornalismo, faz roteiros para filmes e documentários e peças teatrais. Mas escrever para o público infantojuvenil é uma das suas grandes paixões. Pela Panda Books publicou *O segredo do disco perdido – Uma aventura ao som do Clube da Esquina* (escrito em parceria com Pedro Ferrarini) e *Procura-se Zapata*.



© Samya Carvalho

CARMEN LUCIA CAMPOS nasceu em São Paulo e, ainda criança, se tornou uma grande leitora. Assim que começou a ler, pediu de presente um dicionário: queria aprender termos difíceis e seus significados. As palavras a fascinavam até na hora da refeição: se tinha sopa com macarrão de letrinhas, ela tentava formar sílabas em vez de comer! Sonhava ser bibliotecária, mas virou editora e escritora. Possui mais de trinta livros publicados, entre eles *Meu avô africano* e *As cores de Corina*, pela Panda Books.



HENRIQUE SITCHIN é autor, ator, diretor e produtor teatral há quase trinta anos. Coordena o grupo Cia Truks – Teatro de Animação e um importante centro de estudos sobre o teatro de bonecos.

Na Truks já escreveu mais de vinte peças, recebeu mais de quarenta prêmios, viajou por muitos países e também por cada um dos cantinhos do Brasil, apresentando os seus trabalhos. Dentre os livros publicados Panda Books estão *Os vizinhos* e *O menino e o monstro*.



© Vladimir Ferrigato

MANUEL FILHO é escritor, ator e cantor. Ele adora inventar histórias e sempre viaja por todo o Brasil para participar de feiras e encontros literários. Muitas das suas viagens pelo país são também para pesquisar fatos e personagens para seus livros. Autor de mais de quarenta obras, publicou pela Panda Books *Meu avô português*, selecionado para o Acervo Básico da FNLIJ, e *No coração da Amazônia*, vencedor do Prêmio Jabuti.





MARCELO DUARTE nasceu em São Paulo, no dia 31 de outubro de 1964. É jornalista e autor da famosa coleção *O Guia dos Curiosos*, que já conta com nove volumes. Foi apresentador e colaborador em programas de rádio e TV, cobrindo várias edições da Copa da Mundo e das Olimpíadas. Atualmente comanda o canal *Olá, Curiosos!*, no YouTube. Dentre suas várias obras pela Panda Books estão *Esquadrão Curioso – Caçadores de fake news* e *O mistério da figurinha dourada*.



PENÉLOPE MARTINS é escritora e narradora de histórias. Pós-graduada em direito constitucional com pesquisa em direitos humanos (PUC-Campinas), é consultora em leitura literária e desenvolve projetos para letramento com oralidade. Curadora do projeto “Mulheres que leem mulheres”, é mantenedora da revista virtual *Toda Hora Tem História*, com conteúdo literário para formação de leitores. Autora de diversas obras para o público infantil e juvenil, publicou pela Panda Books *Aventuras de Pinóquio*.





SHIRLEY SOUZA nasceu em Mogi das Cruzes e na adolescência mudou-se para São Paulo para estudar. Atua como consultora de inovação educacional e participa de diversos projetos educacionais e eventos literários por todo o país. Autora de mais de cinquenta livros, publicou dez obras para crianças e jovens pela Panda Books, entre elas *Rotina (nada normal) de uma adolescente em crise*, vencedor do Prêmio Jóvenes del Mercosur (Argentina), *Quando tudo muda*, finalista do Prêmio Jabuti 2018, escrito em parceria com Regina Drummond, e *Miúdo*, um livro que fala com os pequenos sobre a importância do amor.



Texto © Caio Tozzi, Carmen Lucia Campos,
Henrique Sitchin, Manuel Filho, Marcelo
Duarte, Penélope Martins e Shirley Souza

Ilustrações © Camila Martins

Diretor editorial

Marcelo Duarte

Diretora comercial

Patth Pachas

Diretora de projetos especiais

Tatiana Fulas

Coordenadora editorial

Vanessa Sayuri Sawada

Assistente editorial

Olivia Tavares

Projeto gráfico

Vanessa Sayuri Sawada

2020

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.